

Relação entre formação e profissão: percepção de egressos e concluintes do curso de Arquivologia da UNIRIO

Relationship Between Formation and Profession: Perceptions from senior students and graduates of the Archivology graduation course of UNIRIO

Beatriz Lisboa de Matos   

Eliezer Pires da Silva   

Resumo

Esta pesquisa possui por objetivo compreender a formação do arquivista utilizando como universo de estudo o curso de graduação em Arquivologia da UNIRIO, e como essa formação se relaciona com o mercado de trabalho na percepção dos concluintes e egressos do curso. Dessa forma, a partir dos dados coletados através dos questionários de pesquisa, buscamos apresentar, consolidar e analisar as opiniões, percepções e perspectivas desses egressos e concluintes. Trata-se de uma pesquisa social aplicada de cunho exploratório. A pesquisa conta com uma revisão bibliográfica de autores que já exploraram o tema, um levantamento de campo com questionários de pesquisa e uma análise final de todo o material coletado. Os resultados da pesquisa são as análises realizadas com base na revisão bibliográfica, acima das respostas e relatos dos grupos pesquisados, que denotam uma sincronia entre as percepções de egressos e concluintes a respeito da graduação e do mercado de trabalho, o que nos proporciona uma breve compreensão da realidade dos arquivistas brasileiros (formados e alunos da UNIRIO), e nos guia para um ambiente que nos possibilita analisar de forma prática os desafios encontrados por estes profissionais e alunos, frente sua formação e o mercado de trabalho.

Palavras-chave: Arquivologia; UNIRIO; graduação em Arquivologia; mercado de trabalho.



folha de rosto

Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Juazeiro do Norte, v. 8, n. 3, p. 34-51, set./dez. 2022. ISSN 2447-0120. DOI [10.56837/fr.2022.v8.n3.839](https://doi.org/10.56837/fr.2022.v8.n3.839).

Abstract

This research aims to understand the formation of the archivist using as universe of study the undergraduate course in Archivology of UNIRIO, and how this training relates to the labor market in the perception of senior students and graduates of the course. Thus, based on the data collected through research questionnaires, we seek to present, consolidate and analyze the opinions, perceptions and perspectives of these graduates and senior students. This is an applied social research with an exploratory nature. The research includes a bibliographic review of authors who have already explored the theme, a survey with research questionnaires and a final analysis of all the material collected. The results of the research are the analyses performed based on the literature review, above the responses and reports of the groups surveyed, which denote a synchrony between the perceptions of seniors students and graduates, about the graduation and the labor market, which provides us with a brief understanding of the reality of Brazilian archivists (graduates and students of UNIRIO), and guides us to an environment that enables us to analyze in a practical way the challenges faced by these professionals and students, facing their academic formation and the labor market.

Keywords: Archivology; UNIRIO; Graduation in Archivology; labor market.

1 Introdução

A Arquivologia é uma ciência social aplicada que possui como objeto de estudo o documento e a informação arquivística, qualquer que seja seu suporte. Assim como outras ciências, desde sua formação, a Arquivologia passou (e passa) por diversas modificações e quebras de paradigmas graças aos avanços tecnológicos e as novas necessidades da sociedade.

Por ser uma área que possui teoria e prática, a Arquivologia além de ciência, é uma ferramenta para a sociedade no que diz respeito à preservação de memória, garantia de direitos sociais, entre outros. Dado este fato, o profissional que atua na área precisa estar a par não somente dos avanços tecnológicos pertinentes à área, mas também ao que a sociedade demanda. Por isso, é importante que desde sua formação, no ambiente universitário, os estudantes possuam consciência do que sua profissão representa e quais os desafios irão enfrentar para cumprir com suas funções enquanto arquivistas.

Dessa forma, o objeto de análise deste estudo é o relacionamento da profissão do arquivista junto a sua formação universitária, mais precisamente, o que estes profissionais egressos e estudantes concluintes do curso de Arquivologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), pensam a respeito desse relacionamento, e como ele os afeta.

Para podermos compreender o cenário atual de uma área, antes devemos voltar nossa atenção à formação dos profissionais daquela área específica. Ao analisar o curso de Arquivologia da UNIRIO a partir da ótica de quem o cursa/cursou, será possível produzir uma pequena amostra auto avaliativa da qualidade da formação dos arquivistas brasileiros, comparada a necessidade da sociedade

brasileira para com esses profissionais, exposta através do que é solicitado no mercado de trabalho.

Por isso, a seguinte pesquisa possui como seu objetivo principal analisar a formação do arquivista, utilizando como universo de estudo o curso de graduação em Arquivologia da UNIRIO, e como essa formação se relaciona com o mercado de trabalho na percepção dos concluintes e egressos do curso, pois entendeu-se que somente analisando a percepção daqueles que se encontram nesse cenário, poderia ser possível extrair dados mais próximos da realidade sobre o curso e sua relação com o mercado de trabalho.

2 Referencial teórico

Para alcançar o objetivo desta pesquisa, serão: abordadas pesquisas de outros autores sobre a história da formação da profissão de arquivista no Brasil, a criação dos cursos de nível superior em Arquivologia no país, a construção do perfil do profissional arquivista brasileiro, os desafios acadêmicos que permeiam a área etc., junto com uma breve apresentação dos grupos selecionados, as respostas dos participantes (egressos e concluintes) e a relação entre as respostas dos dois grupos com a base teórica previamente estabelecida.

2.1 A formação acadêmica em Arquivologia no Brasil

Em um contexto global, a formação em Arquivologia foi primeiramente difundida pelos Arquivos Nacionais no século XIX, por isso, segundo Souza (2010), os primeiros espaços de formação possuíam um forte vínculo com os próprios profissionais que para exercerem sua função nesses órgãos, precisavam aprender sobre as práticas arquivísticas. Dessa forma, a formação do profissional de arquivo nesse período, era demasiadamente voltada para as atividades de tais órgãos, onde esses conhecimentos eram aplicados como uma ciência auxiliar para as áreas de Direito e História. Nesse sentido, a Arquivologia até então englobava apenas campos como Diplomática, Paleografia, Heráldica, etc.

Matos e Rosado (2018), destacam que no Brasil, o campo dos arquivos deu seus primeiros sinais a partir da implantação da República, em 1889, e a instituição do regime federativo, onde cada estado-membro era responsável por suas próprias necessidades de governo e administração, e logo visualizaram a necessidade de criarem arquivos públicos estaduais. Contudo, as autoras ressaltam que o Arquivo Público do Império, (atual Arquivo Nacional), já existia desde 2 de janeiro

de 1838. A partir desta instituição é que se deu início ao processo de amadurecimento dessa área de atuação.

No final da década de 1950, o Arquivo Nacional realizou ações relevantes para a capacitação de seus profissionais. Segundo Marques e Rodrigues (2017), durante seus primeiros anos de administração, o historiador José Honório promoveu o 1.º Curso de Arquivos, que possuía como enfoque, não somente as práticas de Diplomática e Paleografia que constavam nos planos de cursos anteriores, mas também a Gestão de Documentos e demais procedimentos técnicos de práticas arquivísticas inspiradas nos arquivos europeus e norte-americanos. Já no 2º Curso de Arquivos, a presença de professores da França e dos Estados Unidos da América, fortaleceram o intercâmbio de experiências. Graças a esse momento de contatos internacionais com teóricos arquivistas da América do Norte e Europa, muitos profissionais brasileiros também receberam a oportunidade de se aperfeiçoarem fora do país, para assim explorar as teorias e técnicas utilizadas no exterior.

Na década de 1970, a Arquivologia passou a rumar para um curso de nível superior. Em 1972 surgiu a Escola Superior de Arquivo, através da determinação do Conselho Federal de Ensino (CFE). Em 1974 o curso ganhou o *status* de universitário, vindo a integrar os cursos da Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro (FEFIERJ), atual UNIRIO, em 1977.

Ainda no final da década de 1970, outros cursos de nível superior em Arquivologia surgiram, além do curso da UNIRIO, foram fundados; o da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em 1977, e o da Universidade Federal Fluminense (UFF), em 1978. Na década de 1990, surgiram mais quatro cursos: Universidade de Brasília (UnB) em 1991, Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 1998 e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 1999. Nos anos 2000 surgiram mais dez cursos, sendo eles os da e Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) em 2000, Universidade Estadual Paulista (UNESP) em 2003, Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) em 2006, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Rio Grande (FURG), UFBA (noturno) e Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em 2008, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2009 e Universidade Federal do Pará (UFPA) em 2012.

Com esses dados, é possível perceber algumas características da atual distribuição dos cursos de Arquivologia do Brasil: hoje existem 17 cursos de Arquivologia oferecidos por universidades públicas, reconhecidos pelo Ministério

da Educação (MEC); dentre os 17 cursos, 14 são de universidades federais e 3 de universidades estaduais; o Sudeste e o Sul do país hoje concentram o maior número dos cursos existentes (5 em cada região), seguidos pelo Nordeste (com 4), Norte (com 2) e Centro-oeste (com 1). Ainda que pareça uma grande quantidade, Souza (2010), lembra que o Brasil é um país de proporções continentais, por isso, esses 17 cursos ainda podem ser considerados um número bem diminuto.

Por fim, atualmente no Brasil existem três níveis de formação em Arquivologia: nível técnico (através de cursos técnicos, o concluinte recebe o título de Técnico em Arquivo), nível superior (através dos cursos de graduação, o formando recebe o título de Arquivista) e o mestrado (através da pós-graduação em Gestão de Documentos e Arquivos, o formando recebe o título de Mestre).

Grande parte das críticas voltadas às universidades, são de que a grade curricular dos cursos não correspondem à realidade do mercado de trabalho, ou não estão devidamente atualizadas conforme as novas descobertas e atualizações tecnológicas, ou ainda, o oposto, que os cursos estão demasiadamente voltados para o mercado de trabalho, o que pode tornar-se perigoso com o tempo, pois as universidades trabalham com cursos que possuem tanto práticas técnicas quanto científicas, e basear-se inteiramente no mundo empresarial, pode acabar podando a produção de conhecimento científico (SOUZA, 2010). Para haver equilíbrio entre ciência e prática, é necessário estabelecer um ambiente de conversa entre o mercado de trabalho e a comunidade científica, e nenhum outro lugar senão a universidade, é o local mais apropriado para tal diálogo.

Ao considerar a criação de um programa de mestrado no Brasil, que segue por dois vieses de pesquisa que focam tanto em gestão quanto na inserção da Arquivologia e seu papel na sociedade, podemos considerar que no Brasil, essa necessidade de atualização do perfil profissional já é de conhecimento geral de todos da área. Entretanto, também devemos analisar que hoje, apesar de possuir 17 cursos de graduação em universidades públicas, existe apenas uma pós-graduação em Arquivologia em todo o país. Então, embora caminhe para a construção do perfil ideal de profissional (que seria aquele que atua ativamente no mercado de trabalho e no campo científico), ainda existem muitos desafios a serem superados na formação acadêmica.

Dentre os desafios da graduação em Arquivologia, além da produção de pesquisas, há também questões voltadas para a atualização de sua grade curricular junto às novas tecnologias e necessidades da área, e as discussões e

assuntos que devem ser abordados na sala de aula, como a posição do arquivista na nova Sociedade da Informação (a sociedade que vive na Era da Informação). Essa pauta deve fazer parte de políticas educacionais, pois trata justamente da necessidade de adaptação do perfil profissional do arquivista às novas solicitações da sociedade, e se comunica expressamente com a necessidade de mudanças nos currículos dos cursos.

Ao tratar dos desafios do ensino de Arquivologia no Brasil, Silva, Arreguy e Negreiros (2015), destacam a necessidade de possuir mais disciplinas obrigatórias específicas em Arquivologia, e que as optativas deveriam aparecer de forma equilibrada entre específicas e interdisciplinares, pois dessa forma haveria um equilíbrio nos conhecimentos que o estudante do curso deve adquirir, tanto a respeito de sua área, quanto das demais disciplinas que se comunicam com Arquivologia. Esse cuidado deveria existir pela preocupação da diluição da Arquivologia dentro de seu próprio curso, o que além de afetar na aprendizagem da área, afeta também na construção do perfil do arquivista. Se no próprio curso, a Arquivologia já for 'subjugada' por demais ciências, como esse futuro profissional poderá defender sua área uma vez formado?

A harmonização que Silva, Arreguy e Negreiros (2015) propõem entre os cursos de Arquivologia, mesmo que não seja a solução ou a resposta para todos os questionamentos levantados, deveria ser uma pauta recorrente na área para que ao menos exista um ambiente de discussão e construção de pensamentos. Como os autores frisam, a harmonização não busca a normatização dos cursos, mas sim uma melhor comunicação entre eles, e o que é abordado neles. Com essa característica, seria mais fácil analisar e definir o padrão da formação de arquivistas no Brasil, e assim, seria também mais fácil apontar oportunidades de melhoria nas práticas arquivísticas ou até mesmo na produção de material científico, assim como identificar pontos fortes para discutir sobre eles também.

2.2 A profissão de Arquivista no Brasil

O Conselho Internacional de Arquivos, define arquivista como “todos aqueles que possuem relação com o controle, cuidado, conservação e administração de documentos” (1996 p. 1 *apud* SOUZA, 2010, p. 73, tradução nossa). Já o Arquivo Nacional, o define como “profissional de nível superior com formação em Arquivologia ou com experiência reconhecida pelo Estado” (2004, p. 19 *apud* SOUZA, 2010, p. 77, tradução nossa). A partir dessas duas definições, Kátia

Souza (2010, p. 77, tradução nossa), observa que “o arquivista é um profissional que vem sofrendo com alterações em suas atribuições ao longo do tempo”.

No Brasil, assim como no restante do mundo, o exercício da profissão é mais antigo que sua regulamentação e reconhecimento. Segundo Souza (2010), o surgimento da profissão iniciou-se no âmbito federal, no final do século XIX, logo rumando para os âmbitos estaduais e municipais. De acordo com Coelho (1973 *apud* SOUZA, 2010), o cargo de arquivista foi criado no dia 5 de dezembro de 1909, porém antes disso, o profissional de arquivo já exercia suas funções no âmbito federal (desde 1890).

Em 1960, com a Lei nº 3.780 de 12 de julho (BRASIL, 1960), o cargo de arquivologista foi extinto, sendo criado o cargo de Documentarista. Segundo Souza (2010), tal mudança efetuou-se em um retrocesso à visibilidade dos profissionais de arquivo. Ao estabelecer o cargo de documentarista, que estava enquadrado no Grupo Ocupacional de Documentação e Divulgação (Serviço de Educação e Cultura), e exigindo formação superior em Biblioteconomia, a representatividade das tarefas arquivísticas foram diminuídas, pois, para assumir a função do antigo cargo de arquivologista (agora documentarista), era necessário ser um bibliotecário, e o cargo conhecido como arquivista era visto como algo mais simples e de pouca relevância.

Em 1978, um ano após a criação do primeiro curso de graduação em Arquivologia no Brasil, enfim a profissão de arquivista é reconhecida e regulamentada, através da Lei nº 6.546, de 4 de julho de 1978 (BRASIL, 1978a). A Lei determina que somente aqueles formados em Arquivologia, a nível superior, poderão exercer o cargo de arquivista no Brasil. Também vale mencionar o Decreto nº 82.590 de 6 de novembro de 1978 (BRASIL, 1978b), que estabelece que não será permitido o exercício da profissão de arquivista, por aqueles que possuem diplomas de cursos curtos, de férias, por correspondência ou suplementar.

Entretanto, Souza (2010), pondera sobre uma constatação realizada na época após a regulamentação da profissão, onde observa que com o decorrer dos anos, a profissão do arquivista foi mudando e se adequando às novas realidades apresentadas. O profissional que presenciou a regulamentação de sua profissão, já não era mais o mesmo que atuava somente como um guardião de registros documentais e assistente de pesquisas. As atribuições agora descritas na Lei que regulamenta a profissão abrangem todo o trabalho técnico referente aos arquivos, porém, a Lei criada nos anos de 1970, até hoje não sofreu nenhuma alteração, e se antes já haviam notado a diferença entre o perfil do profissional

que atuava nos arquivos, em relação ao profissional arquivista da época da regulamentação, hoje o perfil do arquivista está ainda mais diferente e engloba muito mais atribuições do que imaginado naquela época.

Em março de 1996, o Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ), percebeu essa necessidade de atualização, e definiu através da 4ª resolução do conselho, que os arquivistas possuíam uma nova meta: alcançar a implantação de programas de gestão de documentos arquivísticos, o que foi de grande proveito para a profissão e produção científica da área, pois assim, ampliou-se a discussão sobre o papel desempenhado pelos arquivistas, até então, desconhecido por grande parte da população (SOUZA, 2010).

A Arquivologia, possui dois grandes fatores responsáveis pela construção de novos paradigmas para a área: as Tecnologias de Comunicação e Informação, pois por possuir como objeto de estudo a informação arquivística, a Arquivologia sofre impactos diretos com os avanços das tecnologias que dizem respeito a informação e comunicação. Sejam com as alterações e obsolescência de suportes documentais, ou com a criação de novos ambientes digitais, o arquivista deve acompanhar de perto esse universo de novidades tecnológicas; e a própria sociedade, pois por ser uma ciência social aplicada, e lidar diretamente com objetos de memória e cidadania, a Arquivologia é uma ciência que vai além de seu caráter técnico-científico, e passa para a esfera social, como uma das ferramentas que existem para garantir que a democracia e a memória coletiva permaneçam vivas na sociedade.

Souza (2010), ao associar as ideias dispostas acima com o mercado de trabalho desse profissional, afirma que com a inserção de novos produtos, e conseqüentemente, de novas demandas informacionais que os arquivos devem atender, o mercado de trabalho reflete essas novas frentes de funções associadas ao arquivista. Se antes o arquivista era visto apenas como o profissional que cuidava do acervo de documentação histórica, hoje uma das grandes preocupações da área é a Gestão de Documentos, o que consolida a evolução do arquivista de um profissional anteriormente tomado como passivo, para a necessidade de um profissional ativo na área que lhe diz respeito e na sociedade.

Com base no que foi apresentado até então, é perceptível que um dos maiores desafios que liga as áreas de formação em Arquivologia e o exercício da profissão do arquivista, é a difícil comunicação entre ambas. Mesmo que na pesquisa de Betancourt (2020), a UNIRIO se destaque ao compreender boa parte

das competências elencadas por editais de concursos públicos, é importante ponderar que a) os editais baseiam-se na Lei que regulamenta a profissão, e que, como visto anteriormente, não é atualizada desde a década de 1970, e que ainda segundo Betancourt (2020), compreende em sua maioria atividades voltadas a acervos históricos; e b) com as novas responsabilidades atribuídas aos arquivistas no decorrer dos anos, como observamos na construção do perfil profissional, é evidente que uma atualização deve ser feita em tudo o que diz respeito a área, seja sua regulamentação ou formação acadêmica.

3 Procedimentos metodológicos

Ao aplicar os questionários desenvolvidos para esta pesquisa nos grupos de interesse (sendo eles: alunos que no período da pesquisa estivessem matriculados do 5º período em diante no curso de Arquivologia da UNIRIO e alunos que se formaram no mesmo curso entre os anos de 2015 a 2020), foram coletadas 57 respostas de egressos (correspondendo a 26% do universo de possíveis respostas) e 42 respostas de concluintes (correspondendo a 21% do universo de possíveis respostas).

4 Resultados e discussão

Após compreender quais eram as características dos grupos participantes das pesquisas, os formulários voltaram-se para a participação dos alunos e egressos nas discussões que permeiam a área. Foi observado que os alunos dos últimos períodos participam mais de discussões que os egressos, porém, em ambos os casos o número de pessoas que não participavam de nenhum ambiente de debate sobre a área foi maior que os números dos que participavam.

Esse cenário demonstra que a participação em discussões de assuntos pertinentes à área está muito ligada ao ambiente acadêmico, o que não é algo ruim, uma vez que foi necessário todo um esforço para justamente conectar o ensino de Arquivologia no Brasil, com a produção de material técnico-científico. Porém, ainda é necessário entender o motivo do baixo número que foi apresentado por parte dos egressos, uma vez que o ideal seria utilizar as duas visões (estudantes e profissionais) nesses debates.

Ainda falando sobre a necessidade de representatividade de alunos e egressos no ambiente de produção de material técnico-científico, também existe a necessidade da união de ambas as partes em relação ao associativismo. Até hoje em dia, como relatado pelos próprios egressos do curso, é um desafio para o

arquivista se ver reconhecido e entendido no mercado de trabalho. Por isso, o associativismo deveria ganhar força mais uma vez, embora essa realidade pareça estar distante, uma vez que somente 17% dos concluintes e 4% dos egressos afirmaram participar de alguma associação profissional.

Porém, vale a pena destacar que o número de associados no grupo dos concluintes é quase 5 vezes maior que o número dos egressos, o que pode ser reflexo de uma nova realidade, onde há mais diálogo e reconhecimento da importância desse assunto no ambiente acadêmico.

Em relação ao mercado de trabalho, 93% dos concluintes afirmaram já possuir alguma experiência profissional na área, e 68% dos egressos já atuaram em algum momento, embora somente 30% estejam atuando atualmente. Essa questão foi muito abordada ao longo do formulário dos egressos. Muitos alegam que o curso possui um foco maior em instituições públicas, e a realidade da maioria dos egressos é contrária, já que atuam em empresas privadas. Como visto anteriormente, o curso de graduação em Arquivologia da UNIRIO, advém do curso de arquivos do Arquivo Nacional. Talvez por isso, e pela Arquivologia sempre ser muito associada com órgãos públicos, e as atividades do Estado, que o curso de graduação em Arquivologia da UNIRIO possua essa visão mais voltada ao espaço público, o que é visto como um fator limitador pelos egressos.

As atividades mais realizadas em seu ambiente de trabalho/estágio se repetem para concluintes e egressos, assim, conseguimos visualizar que tais atividades desenvolvidas em estágios são realmente utilizadas após a formação, já no exercício de sua função. Dessa forma, os resultados das questões de aproveitamento das disciplinas do curso em relação às atividades desenvolvidas, foi muito similar entre os dois grupos, onde a maioria nos dois afirmaram que sim, as disciplinas foram muito pertinentes para sua atuação em seu ambiente de trabalho/estágio. E, em ambos os grupos, a falta de atividades práticas e a desatualização de disciplinas que tratam de documentos digitais, são motivos de críticas.

O alto número de concluintes que já possuem experiências profissionais, e ainda, que identificam as disciplinas aplicadas teoricamente em sala de aula, em seus afazeres no estágio, é um ótimo cenário. Porém, como será abordado posteriormente, não é possível deixar que a carga prática do curso se concentre somente nas disciplinas de Estágio Supervisionado, o que foi identificado por egressos e concluintes. Justamente por ser um ambiente de treinamento, o ideal

seria que o aluno aprendesse as práticas ideais em sua graduação, para possuir maior preparo e/ou senso crítico na organização ao qual atua.

As quatro disciplinas consideradas como mais pertinentes para os concluintes, também são para os egressos na mesma ordem de aparição, sendo elas respectivamente: Classificação de Documentos Arquivísticos, Avaliação de Documentos Arquivísticos, Gestão de Documentos Arquivísticos e Arranjo e Descrição de Documentos. Esse dado denota que tantos egressos quanto concluintes priorizam como disciplinas pertinentes aquelas que são voltadas mais especificamente para as práticas laborais arquivísticas, e que ainda, todas as quatro disciplinas são obrigatórias.

Com esses resultados, também foi possível visualizar que das disciplinas mencionadas como deficitárias pelos concluintes, 9 aparecem novamente nas 22 listadas pelos egressos. Inclusive, o número de disciplinas vistas como deficitárias pelos egressos é um pouco mais que duas vezes maior que o número listado pelos concluintes. Esse dado pode ser visto como preocupante uma vez que os egressos já estão inseridos no mercado de trabalho como profissionais arquivistas, e dessa forma possuem um melhor conhecimento sobre o que é esperado de um arquivista, e a grande diferença entre os dois números pode significar que esses concluintes não possuam o mesmo entendimento, e apenas descobrirão ao se formar.

Quando questionados mais especificamente sobre as disciplinas do curso, que foram divididas em três grandes áreas nos formulários (Tecnologia e informática, Pesquisa e Conservação e preservação), os dois grupos apresentaram respostas bem similares nas três questões que compunham essa parte. Quanto às disciplinas voltadas para Tecnologia e Informática, ambos os grupos afirmaram que as disciplinas eram insuficientes; as voltadas para Pesquisa, ambos os grupos avaliaram como boas e Preservação e Conservação, os concluintes a avaliaram como muito boa e os egressos como boa. Assim, ficou muito claro o resultado da pesquisa de Betancourt (2020) e Souza (2010), que dizem que a graduação em Arquivologia da UNIRIO, possui seu foco em pesquisa e investigação.

Souza (2010, p. 67) afirma que “A base da formação em Arquivologia deve ser fornecida (e fortalecida) independentemente das circunstâncias locais e de mercado.”, ou seja, a solução não seria simplesmente moldar o curso de forma que ele atenda todas as necessidades atuais do mercado, inclusive, por tratar diretamente da informação (arquivística) as necessidades que se apresentam

para a Arquivologia, são tão mutáveis quanto seu objeto de estudo. Porém, quando o mesmo autor diz que “Antes de buscar o diferencial, é importante definir o que é fundamental”, e questiona “O que compõe a ‘essência’ do arquivista” (SOUZA, 2010, p. 67), nos leva às responsabilidades atribuídas a este profissional que sempre são associadas à organização, classificação, avaliação, preservação, conservação e difusão da informação e dos documentos arquivísticos, e para exercer essas atividades de forma consistente, é necessário adaptar-se às novas tecnologias de gestão e informação, e além disso, somente com essa característica de adaptação, o profissional poderá manter-se incluso e pertinente no mercado de trabalho.

Dessa forma, é necessário que em sua formação, o futuro profissional possua contato com ferramentas que dizem respeito a teoria, prática e pesquisa, a fim de que seja qual for o caminho que ele seguir posteriormente, ele possua base para iniciar, conhecimento do que sua área representa e ciência de suas responsabilidades enquanto, no caso, arquivista. Por isso, disciplinas voltadas para pesquisa não servem somente para auxiliar os estudantes em sua graduação, mas dar base para renovação de conteúdo teórico e até mesmo, ressignificar a área.

A respeito das atividades teóricas, egressos e concluintes concordaram que foram oferecidas atividades teóricas suficientes. Já a respeito das atividades práticas, o cenário foi o oposto, concluintes afirmaram que definitivamente não houveram atividades práticas suficientes e egressos que não houveram atividades práticas suficientes.

Por um lado, a teoria trabalhada durante o curso de Arquivologia da UNIRIO é muito elogiada por ambos os grupos. Vista como robusta e completa, apenas pontos específicos possuem ressalvas nesse quesito, como por exemplo, a possibilidade de massificação do conteúdo, o que atrapalha no aproveitamento do aluno na disciplina. Por outro lado, fica evidente no decorrer de ambos os formulários, que a falta de atividades práticas no curso é o maior problema, desde 2015 e que perdura até o momento dessa pesquisa (2021).

Especificamente falando do ensino arquivístico, Sousa (1999, p. 169) afirma que a “arquivística é uma disciplina com finalidade profissional e, por seu turno, ela deve apoiar seus ensinamentos teóricos em uma experimentação e um contato com a prática”, e por isso é necessário que haja um equilíbrio entre os dois campos, pois somente dessa forma é que se “adquire um alto grau de profissionalismo quando existe uma nítida vinculação entre a teoria e a prática”.

Sobre a interdisciplinaridade do curso, 45% dos concluintes consideraram que a interdisciplinaridade trabalhada no curso é regular, enquanto 37% dos egressos a consideraram boa. Os dois grupos afirmam que a interdisciplinaridade é muito trabalhada na teoria do curso, pois como é uma característica inerente da ciência arquivística, é trabalhada com os alunos desde a disciplina de Introdução à Arquivologia, ainda no primeiro período. Porém, concluintes e egressos afirmam que essa interdisciplinaridade não se faz muito presente na prática do curso, e nem mesmo em sua grade curricular. Apesar de possuir conexões com outras áreas como História, Sociologia, Filosofia e afins, essa conexão se torna muito mais escassa, se não inexistente, quando aplicada a outras áreas como Computação ou a própria Tecnologia da Informação.

Ainda que haja a preocupação exposta por Silva, Arreguy e Negreiros (2015), quanto à diluição da Arquivologia dentro de seu próprio curso, a interdisciplinaridade deve ser utilizada exatamente como uma ferramenta para evitar que essa preocupação se concretize. Possibilitando que os alunos entendam que a Arquivologia é capaz de relacionar-se com praticamente todas as áreas, mas enfatizando que por possuir os próprios métodos, objetos de estudo e produção de material técnico-científico, ou seja, salientando que a Arquivologia é uma ciência independente, é possível mostrar ao aluno todas as possibilidades de atuação que ele possuirá enquanto arquivista, a importância da área e ainda sua independência, já que mesmo relacionando-se com outras áreas, a síntese permanece a mesma.

Assim, quando esse profissional ingressasse no mercado de trabalho, além de possuir consciência de seu lugar como um profissional dinâmico e a importância de sua área, ele também estaria melhor preparado para atuar em qualquer setor. Afinal, “considerando que na graduação, além de aprender teoria e práticas que dizem respeito a área de formação, também é construído o perfil do profissional” (SILVA; ARREGUY; NEGREIROS, 2015, p.15), essas características o acompanhariam em sua carreira profissional.

Para poder compreender os atuais desafios da área e sua relação com a graduação em Arquivologia da UNIRIO, foi solicitado somente aos egressos (pois são os que já possuem experiência como arquivistas) para que eles abordassem os principais desafios que eles enxergavam na área atualmente, e que falassem como eles os relacionavam com a graduação.

Os desafios citados, possuem relações com: a imagem do arquivista no mercado de trabalho, o não alinhamento entre teoria e prática no cenário de arquivos

digitais, a constante necessidade de renovação da área por conta das atualizações das tecnologias da informação, escassez de vagas para arquivistas em cenário público e privado, a ocupação de outros profissionais em ambiente e prática arquivística, a relação entre a Arquivologia e a sociedade, a escassa especialização em áreas dentro da Arquivologia, digitalização de documentos, a gestão de documentos nato-digitais, a falta da união de classe, falta de conselhos regulatórios para classe, atuais desafios da comunicação (como a disseminação de notícias falsas), o atual cenário político brasileiro, a própria formação em Arquivologia e a defasagem nas literaturas de referência

Dessa forma, é possível visualizar que a maior parte dos desafios listados não estão de fato relacionados com a graduação, que aparece ligada diretamente somente em dois dos assuntos citados (a formação em Arquivologia e a escassa especialização em áreas dentro da Arquivologia). Os desafios estão mais associados com a imagem do arquivista na sociedade e mercado de trabalho, as novas tecnologias da informação, a falta de vagas e de união entre a classe e ainda desafios da academia no geral (como a falta de conexão entre teoria e prática e a defasagem nas literaturas de referência).

De fato, a graduação na área deve estar conectada com o mercado de trabalho, para oferecer aos seus alunos ferramentas e noções básicas para que os mesmos possam enfrentar e ajudar a solucionar tais desafios. Porém, essa seria somente uma parte para a verdadeira solução, que partiria de conversas realizadas em convenções onde profissionais, alunos e teóricos arquivistas, poderiam se unir e trocar suas experiências e perspectivas para melhor analisar tais desafios, assim não utilizando somente o ambiente universitário como fonte de mudança.

Conforme mencionado anteriormente, também foi questionado aos egressos como eles enxergavam a relação entre sua graduação com os desafios por eles definidos. As respostas ficaram divididas, e entendeu-se que essa divisão fica por conta dos dois lados da graduação em Arquivologia da UNIRIO. Por um lado, a teoria é muito elogiada, assim como os professores. Por outro, a falta de atividades práticas e a necessidade de uma maior conexão entre o curso e a tecnologia, ficam como pontos negativos.

Quanto às sugestões e elogios, em ambos os grupos foram citados como sugestões dar maior ênfase em atividades práticas durante a graduação (sendo esta a sugestão mais repetida entre os dois grupos), a utilização de laboratórios para atividades práticas, promover parcerias com empresas ou órgãos públicos,

promover criação de empresa júnior, renovar os materiais utilizados nas disciplinas que abrangem Arquivologia, tecnologias e ambientes digitais, revisar a grade para implementação de mais disciplinas voltadas para tecnologia e conservação de documentos e estabelecer uma melhor comunicação entre a graduação e o mercado de trabalho.

Quanto aos elogios, os professores mais uma vez são muito mencionados como atenciosos, capacitados e ativos na área pelos dois grupos, a amplitude da grade de disciplinas oferecidas também é citada, assim como a teoria aplicada no curso. O espaço para produção de pesquisas, bem como a base oferecida ao estudante para que ele possa produzir suas próprias pesquisas, também é visto como um ponto muito positivo em ambos os grupos, que também veem o curso como muito bom para concursos públicos.

5 Considerações finais

Por fim, com base nos dados coletados, é possível visualizar que, ainda que acreditem que devam existir mais oportunidades de integração entre graduação e mercado de trabalho, concluintes e egressos possuem opiniões muito semelhantes em relação a graduação em Arquivologia da UNIRIO, o que nos faz entender que os concluintes possuem conhecimento a respeito dos desafios que irão encontrar no mercado de trabalho, e que entendem como a graduação se relacionam com o mesmo, e que o curso passou por poucas grandes mudanças entre os anos de 2015 a 2021.

Com as informações e reflexões dispostas nesta pesquisa, foi possível traçar o perfil de concluintes e egressos, entender quais são os pontos positivos do curso de graduação em Arquivologia da UNIRIO, entender quais são os pontos negativos do mesmo, quais são os desafios que estes grupos enxergam para a área, o foco de atuação desses profissionais (egressos), compreender o curso de forma interna a partir dos relatos de concluintes, como concluintes e egressos relacionam sua graduação com o mercado de trabalho, quais são as atividades realizadas por estes grupos em seus ambientes de estágio/trabalho, como a graduação os auxiliam em suas práticas laborais e pesquisas, em quais práticas e assuntos os grupos não visualizam esse auxílio, etc.

Sendo assim, além de alcançar o objetivo desta pesquisa que por si só, visou auxiliar na compreensão de percepções, com base no relato de pessoas que experienciaram a formação e hoje estão se formando ou já se formaram, do curso de Arquivologia da UNIRIO e seu relacionamento com o mercado de

trabalho para graduandos, professores, pesquisadores, futuros alunos e demais pessoas interessadas no assunto, é esperado que esta pesquisa possa servir como material de consulta para posteriores pesquisas a respeito do ensino de Arquivologia, e assim, possa auxiliar de alguma forma em mudanças necessárias para a área.

Referências

BETANCOURT, Beatriz Carvalho. **Recomendações para harmonização entre formação, profissão e trabalho no campo arquivístico brasileiro**. 2020. 144p. Produto técnico-científico. Dissertação (Mestrado em Gestão de Documentos e Arquivos) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

BRASIL. **Decreto nº 82.590, de 6 de novembro de 1978**. Regulamenta a Lei nº 6.546, de 4 de julho de 1978, que dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e de técnico de Arquivo. Diário Oficial, Brasília, nov. 1978b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/D82590.htm. Acesso em 16 maio. 2021.

BRASIL. **Lei nº 3.780, de 12 de julho de 1960**. Dispõe sobre a Classificação de Cargos do Serviço Civil do Poder Executivo, estabelece os vencimentos correspondentes e dá outras providências. Diário Oficial, Brasília, jul. 1960. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/leis/1950-1969/L3780.htm. Acesso em 16 maio. 2021.

BRASIL. **Lei 6.546, de 4 de julho de 1978**. Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e de Técnico de Arquivo, e dá outras providências. Diário Oficial, Brasília, jul. 1978a. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1970-1979/l6546.htm. Acesso em 16 maio. 2021.

MARQUES, Angélica Alves; RODRIGUES, Georgete Medleg. Um intelectual no arquivo: legado de José Honório Rodrigues para a Arquivologia no Brasil. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 176-191, jul. 2017.

MATOS, Maria Teresa Navarro de Britto; ROSADO, Rita de Cássia Santanna de Carvalho. História dos arquivos e da Arquivologia no Brasil: Notas sobre o Arquivo Público do Estado da Bahia. In: VENÂNCIO, Renato Pinto *et al.* **Ensino e pesquisa em Arquivologia: cenários prospectivos**, 2018. cap. 24, p. 410-429. Disponível em: <http://vrepmaq.eci.ufmg.br/wp-content/uploads/2018/10/Ensino-e-pesquisa-em-arquivologia-cenarios-prospectivos.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2022.

SILVA, Welder Antônio; ARREGUY, Cíntia Chagas; NEGREIROS, Leandro. Da Arquivologia que fazemos: mapeamento dos currículos dos cursos de Arquivologia do Brasil. In: MATOS, Maria Tereza Navarro de Brito *et al.* **Perfil, evolução e perspectivas do ensino e da pesquisa em Arquivologia no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 75-95. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/21127>. Acesso em: 26 dez. 2022.

SOUZA, Kátia Isabelli de Bethania. **Análisis y evolución del panorama laboral del archivero en Brasil: el Poder Legislativo Federal en escena**. 2010. 380p. Produto técnico-científico. Tese (Doutorado em Biblioteconomia e Documentação) - Universidad Carlos III de Madrid, Departamento de Biblioteconomia y Documentación, Madrid, 2010. Disponível em: https://e-archivo.uc3m.es/bitstream/handle/10016/9156/TESIS_KATIA_Isabelli%20de%20Bethania%20Melo%20de%20Souza.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 27 dez. 2022.

SOUZA, Renato Tarciso Barbosa de. O papel do estágio na formação profissional do Arquivista: a experiência do Curso de Arquivologia da Universidade de Brasília. In: JARDIM, José Maria (Org.). **A formação do arquivista no Brasil**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1999. p. 167-180. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/1446>. Acesso em: 26 dez. 2022.

Sobre a autoria

Beatriz Lisboa de Matos

Mestranda em Gestão de Documentos e Arquivos, pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Bacharela em Arquivologia, pela UNIRIO.
beatriz.lisboamt@edu.unirio.br

Eliezer Pires da Silva

Doutor em Memória Social, pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Mestre em Ciência da Informação, pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Bacharel em Arquivologia, pela UFF. Docente do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos, da UNIRIO.
eliezerpires@gmail.com

Artigo submetido em: 24 jan. 2022.
Aceito em: 19 nov. 2022.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalqual 4.0 Internacional](#).

UFCA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CARIRI

Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Mestrado Profissional em Biblioteconomia
Revista Folha de Rosto



✉ folhaderosto@ufca.edu.br

📷 [@revistafolhaderosto](https://www.instagram.com/revistafolhaderosto)

🐦 [@revfolhaderosto](https://twitter.com/revfolhaderosto)

Este periódico é uma publicação do [Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri](#) em formato digital e periodicidade quadrimestral.